

Educação, Arte e Geografias: Linguagens em (in)tens(ç)õesDaniel Apolinário de Souza¹

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Educação, arte e geografias: linguagens em (in)tens(ç)ões.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016

O livro analisado se trata de uma colaboração entre a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, também da USP, o financiamento de tal projeto foi realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. A organização do projeto ficou na conta dos professores doutores em Geografia Humana Júlio César Suzuki e Cláudio Benito Oliveira Ferraz e da professora doutora em Geografia Valéria Cristina Pereira da Silva, o processo editorial ficou por conta da Editora Imprensa Livre. A obra, além das referências usadas ao decorrer do texto e dos organizadores, contam com obras textuais de Anael Ribeiro Soares, Marcolino Alves Cardoso, Emerson Ribeiro, Cassio Expedito Galdino Pereira, Jörn Seemann, Ednéia Barbosa Santana Oliveira, Franisberto de Carvalho Teixeira e Catarina Peres Troiano.

Tratando dos aspectos técnicos referente à escrita da obra, o texto não apresenta uma única tese central, mas sim uma série de reflexões e propostas sobre o ensino de geografia e a relação entre Geografia, as mais diversas formas de arte e os conflitos ideológicos que fazem parte do seu ensino. Isso enquanto o texto também propõe uma reflexão teórica sobre a posição da Geografia como ciência relevante de forma geral, pois vinha de uma série de questionamentos referente à eficácia política da geografia como veículo do saber que tem como principal objeto de pesquisa o espaço.

A instigação da reflexão crítica sobre as ideologias presentes no âmbito da geografia é outro legado primoroso do texto. A geografia, enquanto uma

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8754-1111>. Email: daniel.apolinario@ufv.br.

disciplina muitas vezes percebida como objetiva, emerge como um campo permeado por filtros ideológicos que moldam a produção do conhecimento. A análise atinente às ideologias do início do século XX, delineando como a geografia foi instrumentalizada na construção de um território nacional, insufla a compreensão das intrincadas relações entre espaço, poder e política. Nesse sentido, o texto arrebatava a geografia do estatuto de neutralidade, propugnando por uma postura mais crítica e introspectiva.

Entendendo a relevância dessa temática, um dos autores defende, de maneira muito assertiva, que a perpetuação de modelos convencionais pode culminar em um empobrecimento das facetas da geografia que se conectam intrinsecamente ao dinamismo do mundo contemporâneo, ressoando a necessidade premente de incitar a busca de novos enfoques. Valendo ressaltar que a discussão referente aos modelos de ensinamentos de Geografia não se limitam apenas à Geografia na escola básica, mas também às graduações de licenciatura em Geografia, visando propor ao graduando uma visão libertadora de ensino que poderá ser adaptada, remodelada e então usada dentro da sala de aula, só assim conseguindo romper com o ciclo de repressão e desvencilhando o ensino de qualquer noção de caráter alienante.

Uma ressonância notável no texto é a relevância atribuída às questões regionais e locais no contexto do ensino da geografia, e o livro faz isso de uma maneira muito bela, dando voz aos povos que normalmente são os excluídos. A abordagem, que visa encurtar a distância entre o currículo geográfico e a realidade vivida pelos estudantes, reforça a ligação intrínseca entre a disciplina e os espaços onde ela é aplicada, pois o processo de formação do conhecimento mais eficiente parte do concreto para o abstrato. A crítica à análise geográfica simplificada e determinista, que subestima a diversidade e complexidade dos espaços, reforça o apelo à adesão a uma abordagem possibilista que abarque a capacidade humana de transformar e forjar o espaço.

Indo além dos relatos e da cartografia, o teatro também é citado como exemplo de metodologia a ser explorada, o texto usa como principal

representante de tal prática para o ensino o “Teatro do Oprimido”, do Augusto Boal, uma abordagem interativa entre alunos e professores que traz vitalidade ao processo de ensino, fomentando uma dinâmica participativa. Este método, ao desencadear a imaginação e a inventividade dos estudantes, catalisa o desenvolvimento de perspectivas inovadoras para decifrar o cenário geográfico. Ao mesmo tempo, fornece uma plataforma para cultivar uma consciência crítica em relação às questões socioespaciais, incitando a reflexão sobre a simbiose entre ser humano e ambiente.

Ainda, a atuação promove a construção de valores e identidades territoriais, ao instigar uma contemplação das matrizes culturais e sociais de distintas regiões. Por permitir uma abordagem lúdica e prazerosa, esse método nutre a motivação e o interesse pelo estudo geográfico, facilitando uma aprendizagem envolvente enquanto favorece uma sinergia entre variados domínios do saber, como literatura, história e arte, enriquecendo a jornada educativa. Por fim, ao propiciar o desenvolvimento de aptidões socioemocionais, como empatia, cooperação e comunicação, esse método inculca as bases essenciais para nutrir cidadãos engajados e críticos.

Finalmente, a relevância atribuída à literatura infantil como um mecanismo de educação geográfica e de construção de uma consciência crítica se insere como um apêndice oportuno. A literatura, quando incorporada às estratégias pedagógicas, encarna a capacidade de forjar identidades territoriais e de incitar uma análise reflexiva dos espaços e de suas relações complexas.

Embora a estrutura do texto se revele um tanto densa e técnica, caracterizada por uma linguagem acadêmica e a presença de várias referências teóricas, tal complexidade pode deter alguns leitores em sua jornada. Contudo, tal barreira é reduzida pela organização lógica dos argumentos, que serve como um fio condutor facilitador da compreensão das discussões em pauta. A abordagem tangível se fortalece pela inclusão de exemplos concretos e referências palpáveis, elevando o texto além de meras

formulações acadêmicas, tornando-o acessível e interessante para um espectro mais amplo de leitores.

No âmbito das contribuições para o ensino da geografia, o texto emerge como uma fonte valiosa de reflexão que suscita questionamentos sobre as abordagens pedagógicas e metodológicas. A necessidade de repensar os paradigmas enraizados e de alcançar novas maneiras de conceber e transmitir o conhecimento geográfico surge como um fio condutor da narrativa. Para complementar tal visão, o texto usa a citação de Paulo Freire que diz “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”, uma fala poderosa que não se restringe apenas à uma disciplina da escola básica ou até do ensino superior, mas para qualquer processo de aprendizado, independente de qual área do conhecimento ou momento da vida, portanto útil para a Geografia.

